

Investimento despenca 8,9%

Crescimento de 1,3% em relação ao segundo trimestre do ano não reverte o tombo na comparação com o mesmo período de 2013

» ROSANA HESSEL

A redução acentuada dos investimentos no terceiro trimestre desanimou os especialistas sobre uma retomada da atividade econômica este ano. Com queda de 8,9% de julho a setembro, na comparação com o mesmo período de 2013, essa é a quarta retração trimestral consecutiva. “Sem investimento hoje, não há crescimento amanhã”, destacou o pesquisador de Economia Aplicada do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (Ibre/FGV), Vinicius Botelho. Para ele, a alta de apenas 0,1% do PIB é reflexo desse recuo e da baixa poupança no país, que caiu de 15,1% no terceiro trimestre de 2013 para 14% no mesmo período deste ano.

Na comparação com o período de abril a junho deste ano, houve leve melhora — alta de 1,3% —, mas insuficiente para reverter o tombo de 7,4% acumulado no ano. “Para os próximos trimestres, a perspectiva de desvalorização cambial deverá resultar em um investimento ainda mais fraco. Parte das máquinas são importadas e, com a alta do dólar, o investimento tenderá a cair”, afirmou Botelho.

A opinião é compartilhada pelo economista-chefe da Sul América Investimentos, Newton Rosa. “O quadro de estagnação da economia com inflação alta persiste desde 2011 e deverá permanecer até o fim deste ano”, afirmou. Para ele, a queda nos investimentos reflete a política econômica equivocada dos últimos anos, com pouca transparência, e que afugentou o investidor.

O baixo nível de confiança dos empresários e dos consumidores no ano eleitoral e a demora na definição dos novos rumos da política econômica refletiram na taxa de investimento em relação ao PIB, que caiu de 19% no terceiro trimestre de 2013 para 17,4% do PIB no mesmo período deste ano, atingindo um dos mais baixos patamares do mundo emergente. Estimativa do Fundo Monetário Internacional (FMI) prevê taxa média de 24,9% para o mundo.

“A queda no investimento reflete a falta de confiança do empresário. Quando ele não tem ideia do que vai acontecer no futuro, deixa de investir. A incerteza das eleições afetou diretamente o PIB, que deixou de crescer porque o investimento não aconteceu”, explicou o professor de finanças do Insper, Alexandre Chaia.

O futuro ministro da Fazenda, Joaquim Levy, afirmou que a nova equipe econômica estará empenhada em mudar esse quadro de desconfiança. “O governo federal dará o exemplo, aumentando sua poupança, especificamente, o superavit primário, e contribuindo para que outros entes da Federação, as empresas e as famílias sigam o mesmo caminho, tornando possível fortalecer nossa capacidade de investir e crescer”, disse anteontem, no Palácio do Planalto.

Reversão

Para o economista-chefe da Votorantim Corretora, Roberto Padovani, essa sinalização do governo é positiva para reverter o quadro atual. “A medida que o governo corrige o rumo das contas públicas e indica metas anima o investidor. Ele está, assim preparando o país para um ajuste no primeiro semestre e para um ciclo de retomada a partir da segunda metade de 2015”, explicou.

O sócio da KPMG para área de empreendedores, Sebastian Soares, lembrou que o clima de pessimismo atrapalha os investidores e dificulta o crédito, principalmente em empresas familiares. Uma pesquisa feita pela empresa revelou que 60% das 125 companhias entrevistadas estão com dificuldades para arrumar financiamento. Soares destacou que o enfraquecimento da economia faz com que as empresas não se sintam seguras para investir. “Uma em cada quatro companhias deve recorrer a empréstimo para cobrir as obrigações legais de fim de ano, como 13º salário. E, com certeza, esse crédito estará mais caro do que anteriormente”, explicou o consultor.

Carlos Moura/CB/D.A Press - 27/11/14



Joaquim Levy promete mudar o quadro de desconfiança durante sua gestão à frente do Ministério da Fazenda

Sem força para crescer (em % do PIB)

País não tem recursos para avançar sem pressões inflacionárias

	Taxa de poupança	Taxa de investimento
2000	14,4	16,2
2001	15,1	17,1
2003	17,2	16,6
2004	18,2	15,2
2005	20,0	16,9
2006	19,0	16,4
2007	20,0	16,8
2008	19,8	18,3
2009	20,7	20,6
2010	17,1	19,2
2011	29,6	20,5
2012	18,8	20,0
2013	15,3	18,7
2014	15,1	19,0
2015	14,0	17,4

Fonte: IBGE

Rombo só aumenta (Em R\$ bilhões)

Para fechar as contas, Brasil depende de recursos externos

